

As percepções dos alunos em uma escola pública de Brasília sobre o consumo de drogas e os fatores de riscos*

Perceptions of students about drug consumption and risk factors at a public school in Brasilia, Brazil

Percepciones de alumnos sobre el consumo de drogas y sus factores de riesgo en una escuela pública de Brasília, Brasil

Maria da Glória Lima¹
Ana América Magalhães Paz²
Maria Aparecida Gussi³
Raquel da Cruz Dias⁴

RESUMO

A pesquisa teve por finalidade desenvolver um trabalho educativo interdisciplinar em ambiente escolar, na concepção da promoção à saúde, mediante a oferta de espaços de reflexão, verbalização e informação sobre a questão das drogas e seus fatores associados. A coleta de dados foi realizada em uma escola de nível fundamental da rede pública de ensino

* A pesquisa integrou o Programa de Iniciação Científica – Programa Afroatitudo, da Universidade de Brasília, edital 2006/2007, e contou com o apoio Financeiro do Ministério da Saúde.

(1). Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da UnB.

(2). Doutoranda em Educação e Ecologia Humana do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UnB.

(3). Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da UnB.

(4). Estudante de graduação do Curso de Letras, Bolsista do Projeto de Iniciação Científica - AFROATITUDE, edital 2006/2007, UnB

do Distrito Federal, com 52 alunos da 6ª série, entre a faixa etária de 11 a 13 anos, por meio de oficinas de livre expressão na qual os alunos discutiram livremente em grupos a temática, como também construíram registros em forma de desenho, poesia, textos. Os resultados foram analisados pela técnica de análise de conteúdo, categorização temática. A pesquisa revelou que os adolescentes têm algum conhecimento dos fatores de risco sobre o consumo de drogas para quem faz uso e para o meio social. Contudo, percebeu-se nos relatos que eles se encontram vulneráveis aos fatores de riscos do uso de drogas pela exposição precoce a elas, pelo padrão de comportamento e comunicação intra-familiar, pela possível influência de grupos de amigos que nem sempre atuam como um sistema de proteção. Evidenciou-se a importância da escola envolver a família e outros recursos da sociedade, formando uma rede de proteção ao adolescente para enfrentar a vulnerabilidade e minimizar os danos causados pelo uso de drogas. A informação, o protagonismo juvenil, os hábitos saudáveis, o fortalecimento de modelos de promoção e

prevenções no âmbito do território, o diálogo escola-família devem ser priorizados para que a relação sujeito-droga-consumo seja enfrentada de forma concreta e positivamente na formação do jovem e na organização da sociedade.

ABSTRACT

The purpose of this research was to develop an interdisciplinary educational activity in a school setting, based on the concept of health promotion, by providing spaces for reflection, verbalization and information about the issue of drugs and its associated factors. Data was collected at a primary education public school of the Federal District Federal from 52 sixth graders aged 11 to 13, through freeexpression workshops in which the students openly discussed the theme in groups as well as provided a record of drawings, poetry, essays. The results were analyzed through content analysis and theme categorization. The results showed that adolescents have some knowledge about risk factors of drug use for its users and for the social environment. However, their narratives reveal that they are vulnerable to risk factors through early exposure to drugs, behavior and communication patterns within their families and possible influence of peers groups who don't always act as a shielding system. It is evident the need for school to involve families and other resources in society into forming a protective network for adolescents to deal with their vulnerability and minimize the drug damage. Information, youth leadership, healthy habits, the strengthening of health promotion and prevention models in the scope of the surroundings, as well as dialogue between school and family must become priorities so that the relation subject-

drugconsumption can be faced, in a concrete and positive manner, in the education of young people and organization of society.

RESUMEN

La investigación tuvo la finalidad de desarrollar un trabajo en entornos escolares en la óptica de la promoción de la salud y en la perspectiva de la interdisciplinariedad, proponiendo oportunidades de reflexión, de verbalización y de información sobre el tema de las drogas y sus factores asociados. Los datos fueron recolectados en una escuela de nivel fundamental de la educación pública en el Distrito Federal, con estudiantes de 6 ° grado, con edad entre 11-13 años, a través de talleres de libre expresión en las que los estudiantes discutieron libremente en grupos temáticos, así como construyeron registros en forma de dibujo, poesía, y textos. Los resultados fueron analizados utilizando la técnica de análisis de contenido, categorización temática. La encuesta reveló que los adolescentes tienen algún conocimiento de los factores de riesgo relacionados con el consumo de drogas tanto para los que las utilizan, como para el entorno social, pero ellos están vulnerables a factores de riesgo del consumo de drogas por la exposición temprana a ellas, por el padrón de comportamiento y la comunicación intrafamiliar, por la posible influencia de grupos de amigos que no siempre actúan como un sistema de protección. Se hizo evidente la importancia de la escuela envolver las familias y otros recursos de la sociedad, formando una red de seguridad para el adolescente para enfrentar la vulnerabilidad y minimizar los daños causados por el uso de drogas para la sociedad y el adolescente. La información, el

protagonismo juvenil, los hábitos saludables, el fortalecimiento de modelos de promoción y prevención en el ámbito del territorio, el diálogo escuela-familia deben ser priorizados para que la relación sujetodrogas-consumo sea enfrentada de manera concreta y positivamente en la formación del joven y en la organización de la sociedad.

INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais remotos na história da humanidade encontramos indícios do uso de substâncias psicoativas. O uso papoula remonta a povos antigos e é comprovado por achados arqueológicos entre os povos do período Neolítico. O uso de álcool e da maconha aparecem em registros históricos muito antigos. Na Bíblia, em Gênesis, 9 (20-24), encontramos o relato sobre a embriaguez de Noé. Quanto à maconha, há registros do uso dessa droga entre os chineses, no ano 1730 a.C. Os Incas já utilizavam a cocaína antes do descobrimento do Novo Mundo¹.

O ser humano faz uso de drogas psicoativas em busca de um “desligamento”, justificado por motivos terapêutico, religioso e como fuga da realidade.

A droga nos permite fugir à nossa transitoriedade e à angústia que esta nos traz, bem como nos permite entrar em contato com forças divinas e espirituais. É um meio da qual lançamos mão na tentativa de preencher uma “falta” e alargar nossos limites existenciais em busca do prazer, que obviamente predomina na toxicomania moderna².

O consumo de drogas vem aumentando

nos últimos anos e, com isso, verifica-se também o aumento da prevalência do abuso e dependência de drogas. Considerado hoje como um importante problema de saúde pública, esse consumo apresenta com graves consequências para a vida e a saúde da pessoa e para a sociedade, com o acirramento de problemas sociais, como a violência.

A Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD) elaborou e divulgou, em 2005, a Política Nacional sobre Drogas, com a proposta de que a sociedade e o Estado iniciem uma nova etapa de trabalho conjunto, com a finalidade de ampliar a consciência do uso de drogas, tanto lícitas quanto ilícitas. A promoção à saúde é assumida como um dos eixos da Política Nacional sobre Drogas e tem como um dos pressupostos: reconhecer o uso irracional das drogas lícitas como fator importante na indução de dependência, devendo, por esse motivo, ser objeto de um adequado controle social, especialmente nos aspectos relacionados à propaganda, comercialização e acessibilidade de populações vulneráveis, tais como crianças e adolescentes³.

A adolescência é a faixa etária considerada mais suscetível para o início do consumo de substâncias psicoativas. Essa fase é definida como um período de mudanças biológicas e psicológicas, ou seja, “estágio intermediário entre a infância e a idade adulta. O que a define é a transitoriedade, a ambigüidade entre ser criança e ser adulto, e o fato de se configurar como um período de experimentação de valores, papéis sociais e identidades”⁴.

Além da vulnerabilidade individual para a dependência física e psicológica por parte dos adolescentes, decorrente do consumo de drogas lícitas e ilícitas, é importante a compreensão de que determinados ambientes podem ter uma ação protetora ou, por outro lado, do risco frente ao consumo de drogas: o contexto familiar, o grupo de pares, da escola, da comunidade e da mídia, considerados espaços importantes na área da saúde para a prevenção do uso indevido de drogas⁵.

Para as autoras Schenker e Minayo⁵, a compreensão da noção do risco e da proteção e os fatores envolvidos na adolescência para o consumo de drogas pode favorecer uma melhor abordagem da proteção integral a esse grupo, previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

O risco diz respeito a circunstâncias reais ou potenciais que produzem efeitos adversos e configuram algum tipo de exposição. Os fatores de risco indicam condições ou variáveis associadas à probabilidade de ocorrência de conseqüência negativas para a saúde, o bem-estar e a atuação social (...) Proteger é uma noção que faz parte do contexto das relações primárias e do universo semântico das relações sociais. Significa, sobretudo, oferecer condições de crescimento e desenvolvimento, de amparo e de fortalecimento da pessoa em formação⁵.

Para melhor delineamento das políticas sociais e das medidas de intervenção em saúde, têm sido realizados vários estudos com o objetivo de se conhecer o padrão de consumo de substâncias psicoativas entre os adolescentes, a exemplo do V Levantamento Nacional Sobre o

Uso de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino, realizado, em 2004, pela Escola Paulista de Medicina, abrangendo um universo de 52 mil estudantes. Este estudo mostrou que a grande maioria dos estudantes, 78,8% em 1987, e, 73,8%, em 1989, jamais havia usado quaisquer substâncias psicoativas. Apenas uma minoria, 2,7%, em 1987, e, 3,5%, em 1989, usava drogas com frequência. Exceto o álcool e o tabaco, as outras mais usadas, pela ordem, são os solventes ou inalantes, ansiolíticos, anfetaminas anorexígenas e maconha. A idade em que ocorre o contato com as drogas na maioria dos estudantes está entre 10 e 12 anos, e mais de 12% já experimentaram algum tipo de droga na vida⁶. Outro estudo delineou o panorama geral do consumo de álcool no país, sendo que entre estudantes de 1º e 2º graus, “a cerveja foi a bebida mais consumida, com cerca de 70% dos estudantes relatando seu uso, seguida pelo vinho, com 27%, e destilados, por volta dos 3%”.

A escola, considerada um recurso da rede social e importante espaço de sociabilização do adolescente, pode atuar como fator de risco ou de proteção, no que diz respeito a um crescimento e desenvolvimento saudável. Como uma instituição formadora de opinião dentro da sociedade, ela pode desempenhar um papel importante na conscientização sobre os riscos do consumo de drogas, de um modo transdisciplinar e colaborativo, envolvendo a participação dos gestores e profissionais da educação na elaboração de estratégias para fomentar um ambiente protetor, de forma a favorecer o diálogo e não a repressão e ou discriminação sobre a problemática da drogadição, por meio de um trabalho

conjunto junto aos adolescentes, familiares e comunidade.

No entanto, na maioria das vezes em que a escola se propõe a fazer um trabalho de prevenção, ela se limita a expor os tipos de drogas e seus efeitos sobre o organismo, conforme apontado no estudo sobre a abordagem do consumo de drogas psicotrópicas em livros didáticos de primeiro e segundo graus. De modo geral, os textos trazem uma preocupação excessiva com a discussão dos efeitos (nocivos) das drogas em detrimento de outros tópicos, tais como: conceituação, causas que levam ao uso, incidência, tratamento ou prevenção. Os textos se caracterizaram por uma linguagem pouco científica, onde o apelo emocional e o estilo dramático são a tônica. O usuário de drogas foi retratado como sendo necessariamente um ser decadente moral, física e psicologicamente⁸.

A abordagem presente nos livros didáticos pode aumentar a dificuldade por parte da escola e dos professores em inserir a temática das drogas no projeto políticopedagógico, na lógica da abordagem da promoção e da prevenção ao abuso de drogas, de forma a considerar o contexto social em que os estudantes estão imersos.

Para Büchele⁹, as ações de promoção da saúde realizadas na escola deveriam ter no professor um agente mediador, promotor de saúde e da prevenção da drogadição.

Ações de promoção da saúde deveriam permear de forma sistemática, todo o currículo escolar valorizando o professor como mediador do processo, fazendo-o atuar como um interlocutor privilegiado do educando e

capacitando-o com treinamentos específicos para enfrentar a questão com objetividade, sem medo, sem alarde. O êxito da atividade do professor no processo depende de que ele absorva perfeitamente a filosofia e os objetivos visados, identificando-os como um verdadeiro promotor da saúde e da prevenção específica.

Ao desconsiderar o estudante como sujeito e se negligenciar a fazer um trabalho conjunto com a família, ou, tampouco, fazer uma adequação de seu currículo e o investimento necessário na formação dos professores, a escola se torna um agente falho de prevenção, por não buscar articular uma rede de proteção envolvendo a família, a comunidade e outras instituições da sociedade no fortalecimento de ações de saúde.

Essa perspectiva do trabalho em ambiente escolar tem convergência com a iniciativa das Escolas Promotoras de Saúde, uma proposta estimulada pela Organização Panamericana de Saúde (OPAS) e pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que visa a promover mudança do paradigma tradicional de atendimento às doenças infantis para enfoques integrais de saúde dos escolares, fundamentando-se na concepção de Promoção da Saúde¹⁰.

Para Harada¹¹, a escola promotora de saúde é uma instituição que tem uma ampla visão do ser humano, principalmente relacionada à questão das crianças e dos adolescentes inseridos no seu ambiente familiar, comunitário, cultural e social. Reconhece-se, assim, os fatores sociais, ambientais e os estilos de vida como determinantes das condições de saúde.

Com isso, ela fomenta o desenvolvimento humano saudável e as relações construtivas e harmônicas, bem como promove aptidões e atitudes para a saúde. Ela promove como a autonomia, a criatividade e a participação dos alunos, bem como de toda a comunidade escolar¹¹.

Um dos objetivos da Política Nacional sobre Drogas³ é "conscientizar a sociedade brasileira sobre os prejuízos sociais e as implicações negativas representadas pelo uso indevido de drogas e suas conseqüências", com destaque para o desenvolvimento das ações preventivas, de forma que se desestimule o uso inicial de drogas, o incentivo à diminuição do consumo e os riscos e danos associados ao seu uso indevido. Para o SENAD³, as ações preventivas devem ser planejadas e direcionadas ao desenvolvimento humano, o incentivo à educação para a vida saudável, acesso aos bens culturais, incluindo a prática de esportes, cultura, lazer, a socialização do conhecimento sobre drogas, com embasamento científico, o fomento do protagonismo juvenil, da participação da família, da escola e da sociedade na multiplicação dessas ações.

Na perspectiva das escolas que promovem a saúde, o tema não deve ser tratado de modo a excluir os usuários ou não de drogas como forma de punição, nem com um tom valorativo, mas deve sempre tentar fazer com que todos os sujeitos sejam ativos no processo de busca autônoma de hábitos que promovam a vida saudável, fazendo com que eles mesmos sejam capazes de reconhecer os fatores de risco diante do consumo de drogas. É importante que a escola reconheça o aluno como ser ativo

na construção de seus interesses.

Assim, pode-se presumir a necessidade de um modelo de promoção e prevenção que trate a temática das drogas e alcoolismo como um fator biopsicossocial, e não apenas como um fator químico-biológico. Como afirma Büchele⁹:

"Os problemas relacionados à questão da drogadição devem ser abordados numa concepção ampla, considerando aspectos bio-psico-sócio-culturais, direcionando-os para ações de promoção da saúde, valorização da qualidade de vida, buscando assim o equilíbrio do homem no meio ambiente, visando à ampliação dos compromissos sociais, do indivíduo em relação a si, ao outro e à comunidade".

Nessa linha, o estudo integra um dos eixos da atenção à comunidade e promoção à saúde, o trabalho em ambientes escolares, no programa de atenção do Serviço de Estudos e Atendimento a Usuários de Álcool e Outras Drogas - SEAD, do Hospital Universitário de Brasília, direcionando ações para rotas de hábitos saudáveis. Assim, buscou-se propiciar de reflexão, de verbalização e de informação sobre a questão das drogas e fatores associados, além do desenvolvimento de ações educativas aos alunos por meio de oficinas, em uma escola da rede pública de ensino da Secretaria de Educação do Distrito Federal, com o objetivo de identificar as percepções dos estudantes sobre os fatores de risco frente ao consumo de drogas e, também, o uso ou não de drogas pelos estudantes e os fatores motivadores.

METODOLOGIA

O estudo tomou por base a abordagem qualitativa em que a frequência da variável não teve influência sobre os dados, mas, sim, relevância na observação de como e quando ela ocorre. Este enfoque metodológico permite analisar o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos e nas representações e que abre um amplo espectro para interpretação dos conteúdos expressos¹³.

Seguiu-se uma aproximação com a pesquisa-ação que, segundo Thiollent¹⁴, é [...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A busca pelo significado se deu por meio das oficinas pedagógicas de livre expressão, onde, em conjunto, buscamos inicialmente a percepção dos alunos em relação aos fatores de risco associados ao consumo de drogas, por meio de desenhos estimulados por um roteiro, e depois a verbalização em grupo, buscando assim decifrar signos para a interpretação de dados.

A importância do desenho livre na apropriação de conceitos por crianças e adolescentes é expressa por Elise Freinet¹⁵ quando afirma que “pelo desenho, cada criança revive a narração elaborada em comum e completa-o, adapta-o à sua personalidade, apropria-se dele intimamente”.

As oficinas permitiram um discurso construído pelos próprios sujeitos, atuando como um espaço onde o protagonismo juvenil fosse estimulado a construir as idéias que partam dos sujeitos e eles próprios possam sugerir intervenções, dialogando entre si, sendo conduzidos à percepção da importância da discussão e da promoção a saúde. Com essa abordagem, nos aproximamos da proposta da iniciativa Escola Promotora de Saúde¹¹, que busca minimizar as conseqüências dos problemas relacionados à saúde e às questões sociais.

A pesquisa recebeu aprovação do Comitê de ética em pesquisa da Faculdade de Ciência da Saúde e foi realizada em uma escola de nível fundamental da rede pública de ensino do Distrito Federal, com alunos da 6ª série, entre a faixa etária de 11 a 15 anos.

A escola possui 5 turmas de 6ª série que funcionam no turno vespertino, com uma média de 40 alunos por turma. As 5 turmas tiveram a oportunidade de participar das oficinas, desde que os alunos trouxessem assinado por eles e pelo seu responsável o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Participou das atividades um total de 52 alunos, com idade entre 11 a 15 anos, a maioria com 12 anos, dos quais a maioria (65%) eram mulheres e mais da metade procedente da Asa Norte e da Asa Sul. A composição familiar da maioria contemplava entre 2 e 5 pessoas, apenas 10 (19,2%), entre 6 e 9 pessoas. As atividades mais citadas pelos alunos, desenvolvidas no seu tempo livre, foram: jogar vídeo game ou usar o computador, assistir televisão, brincar e estudar.

A coleta de dados se deu em dois

momentos. Primeiro com a aplicação de questionário semi-estruturado com caráter sócio demográfico, e, depois, com o desenvolvimento das oficinas, onde os alunos foram divididos em grupos para refletir em conjunto sobre os fatores de risco associados ao consumo de drogas. Essa reflexão ocorreu por meio de seis textos, que abordaram temas como Violência, Álcool e Família Drogas, Tabaco e Tribos, os três primeiros elaborados pela bolsista de iniciação científica e os demais pesquisados da Internet com adaptações.

O resultado da oficina foi registrado em forma de gravação de áudio e em forma de álbum de desenhos, no qual, de acordo com o tema do grupo, expressavam livremente a discussão em forma de desenho, poesia, textos. Os álbuns foram utilizados como estratégia para verbalização dos grupos e os discursos produzidos como objeto de análise.

A análise de dados foi feita com base na categorização proposta por Minayo¹³. Em um primeiro momento foi feita uma ordenação dos dados obtidos nas oficinas: degavação e transcrição dos dados coletados na gravação de áudio, classificação dos dados norteadas pelas unidades de significados que emergiram com a ordenação dos dados colhidos. Por último, foi feita uma coordenação entre as categorias, de acordo com o objetivo deste trabalho.

Resultados e discussão

Os resultados foram analisados a partir dos temas trabalhados nos grupos de discussão e agrupados em unidades de sentido, com ênfase no discurso dos sujeitos em duas categorias, a primeira sobre a percepção dos

alunos quanto ao contexto sócio-cultural: família, grupo e violência, e a segunda sobre a percepção dos alunos quanto às drogas: álcool, tabaco e drogas em geral.

Percepção dos alunos sobre o contexto sócio-cultural: família, grupo e violência

No discurso dos alunos sobre a família são valorizados a importância da presença e o papel da família para que a relação droga-sujeito-consumo seja minimizada, ou seja, a família atuando como um agente de proteção para o adolescente frente aos riscos do uso da droga. O diálogo sobre drogas com a família aparece como um fator de suma importância para os alunos.

A família é considerada pelos alunos como o meio primário de informação e, segundo eles, o diálogo deve ser priorizado. Eles ressaltam ainda que a forma de orientação que a família faz em relação ao consumo de drogas junto aos filhos pode ser um importante fator para a caracterização, a prevenção ou, ao contrário, para o incentivo ao uso de drogas.

Na percepção dos alunos, a droga dentro da família, muitas vezes, ainda é tratada como um assunto proibido. Em alguns casos, eles apontam o fato dos pais não terem informações sobre as drogas, ou não saberem como conversar com seus filhos sobre este assunto ou, ainda, porque julgam ser desnecessário esse tipo de conversa.

A forma como os pais lidam com a questão com seus filhos deve ser preventiva, por meio de diálogos diários, e não em tom

de advertência, posto que isso pode gerar uma curiosidade diante da mistificação do uso, provocando fascínio, em efeito contrário. “Assim, falar com os filhos sobre a questão da droga pode ser uma boa política, desde que não se mistifique e que se abra um espaço para o diálogo, não só em relação às drogas, mas também em relação a outros assuntos que despertam interesse”¹⁶.

Alguns alunos referiram que conversam com os pais, que recebem informação sobre drogas e seus danos. Acrescentam ainda que os pais têm um diálogo com eles para orientá-los sobre as conseqüências do uso e pedir que, caso comecem a fazer uso, sejam comunicados para que possam ajudá-los e, assim, evitar que se tornem “viciados”.

Muitos pais preocupam-se demasiadamente em detectar o tipo de droga e seus respectivos efeitos, sem levar em conta as razões que motivam esse consumo. Isto precipita reações policiais por parte do familiar que, ao privilegiar a droga, deixa de lado o indivíduo, com seus anseios, questionamentos e conflitos, dificultando a real compreensão do problema¹⁷.

Nos casos em que a família é um meio de contato com a droga, por exemplo, em festas na própria casa, ou, até mesmo, quando há pessoas na família que são usuárias de algum tipo de droga, os alunos relataram que ela pode incentivar no sentido de ser uma referência. A figura do pai foi abordada como um facilitador, pois na percepção deles, os filhos têm no pai um referencial do que é permitido e do que não é, um modelo de atitudes e valores, o que facilita, muitas vezes, ao consumo de drogas.

Schenker e Minayo⁵, ao analisarem a família entre os fatores de risco na influência do uso de drogas pelos adolescentes, dão ênfase ao fato dos pais terem uma postura positiva em relação às drogas. Entretanto, consideram que este fator não é linear entre o abuso dos pais e dos filhos, e que a influência da família geralmente está combinada a outros fatores vinculados ao comportamento dos pais e das interações familiares, tais como: atitude permissiva, dificuldade de estabelecer limites aos comportamentos das crianças e jovens ou tendência à superproteção, ausência de investimento no vínculo entre os pais e filhos, práticas disciplinares inconsistentes ou coercitivas, entre outros.

Em relação ao grupo de amigos, esse é caracterizado pelos alunos como um grupo de identificação, o que corrobora com a idéia de que “a adolescência realmente é uma idade de risco, em razão das inúmeras transformações que acontecem na vida do indivíduo, o que o torna emocionalmente influenciável pelo grupo de iguais”¹⁸.

Esse grupo faz parte do cotidiano do aluno, sendo às vezes um meio pelo qual eles procuram sua identidade, seus valores. Ele é apontado pelos alunos como um fator ora incentivador ao consumo de drogas e ora não. Quando se constitui como espaço incentivador, é caracterizado como transgressores e como pessoas que não são confiáveis. O grupo como um fator a não incentivar o consumo de droga é visto por eles como um meio confiável, de pessoas que incentivam a hábitos saudáveis, como estudar e brincar.

Em contrapartida a essa idéia de que o grupo tem grande influência para o uso de drogas, os alunos ressaltam também um aspecto frente a essa possível influência dos amigos e/ou de outrem, que é a autonomia de cada um para essa tomada de decisão.

A autonomia destacada é relevante quando se observa que a maioria destes alunos tem idade entre onze e doze anos, os pais ainda exercem uma grande influência na tomada de decisão dos filhos. Aqui se destaca novamente a importância da relação entre pais e filhos na prevenção do uso de drogas.

A violência é percebida por eles de forma significativa, associada como fator derivado do consumo de drogas e que pode levar o indivíduo que faz uso a transgredir algumas ordens sociais, a praticar atos infracionais. Citaram as bebidas alcoólicas como um dos fatores para a ocorrência da violência, situações desagradáveis pela quais já passaram com familiares, relatando sentimentos de aversão e medo.

Para entender o papel da violência, soma-se a falta de visão de vida que as pessoas encontram diante de suas condições, “A violência encontra um excelente ‘caldo de cultivo’ na apatia, na falta de projeto de futuro, na ausência de perspectivas, na quebra dos valores de tolerância e solidariedade, fatos que fazem parte da crise de significações que atinge nosso tempo”¹⁸. Explicar melhor, fazendo elo com o parágrafo anterior.

Percepção dos alunos sobre as drogas: álcool, tabaco e drogas em geral

Quanto à definição de drogas este grupo tem uma percepção adequada aos conceitos propagados pelo pensamento científico quando a define como uma substância que gera alteração no organismo. Também as classificam como lícitas aquelas que se pode consumir de forma legalizada, como o tabaco e o álcool, e ilícitas, as legalmente proibidas, como a maconha e o crack.

Identificam o álcool como a droga mais consumida e atribuem este consumo à facilidade de acesso. Acrescentam que apesar de ser legalmente proibida a venda para menores de 18 anos, os comerciantes não consideram esta norma, como também, os adultos lhes oferecem livremente e atribuem o uso a vontade de não ser apontados como criança.

Diante deste cenário foi levantada a seguinte questão: a necessidade de individualização pode levar o adolescente a uma crise de identidade e a maior vulnerabilidade ao risco do consumo de drogas?

A compreensão deste desejo encontrou aporte nas discussões de Sudbrack e Dalbosco¹⁹, quando apontam esta fase como o momento em que o adolescente vai “em busca de novas identidades, novos padrões de comportamento... Há uma enorme necessidade de pertencer a um grupo, fato que ajuda o indivíduo a encontrar a própria identidade nos contextos sociais”.

Os alunos relatam ter experiências de pessoas próximas que fazem uso do álcool, e

citam vários malefícios que ele traz. Muitos deles citaram familiares e amigos que já fizeram uso de bebidas alcoólicas, mas que não fazem mais, pois procuraram ajuda em hospitais, ou pessoas próximas que incentivaram o não uso de bebidas alcoólicas.

A figura do pai foi vista como um agente incentivador principalmente quando este oferece bebidas alcoólicas. Este comportamento provoca um sentimento dicotômico, ao mesmo tempo é apontado como um erro do pai, pois este deveria educar, conversar e apontar as consequências que o uso traz e incentivá-los a hábitos saudáveis.

Muitos trazem também experiência de familiares que fazem uso de bebidas alcoólicas, de maneira não moderada, e associam as bebidas alcoólicas como nocivas à saúde e ao convívio em família.

Embora o tabaco talvez seja uma das substâncias das mais nocivas, alguns alunos não sabiam identificar se o tabaco era uma droga ou não e se ele era o cigarro em si ou uma das substâncias que o compunha, outros tinham esse conhecimento, além de experiências em casa sobre o consumo de tabaco.

Nos relatos os pais foram apontados como fumantes quando adolescentes, e, na sua grande maioria, pararam o uso porque entenderam que fazia mal, tanto para eles, quanto para quem estava próximo, no caso, a preocupação maior foi com relação ao nascimento dos filhos.

As dúvidas foram esclarecidas durante

as oficinas, por meio de texto que trazia essas informações e discussões com pontos que foram surgindo espontaneamente. Ao passo que se trazia a tona a representação do tabaco a partir do cigarro emergiu a percepção que ele é de grande uso no cotidiano o que pode ser explicado pela sua legalidade. Enumeraram alguns malefícios, associando a situações de maior gravidade, como o câncer de pulmão e a dependência.

No processo das discussões ficou evidente que eles têm noção dos riscos ao se consumir drogas e principalmente o risco de se experimentar e, no entendimento deles, um primeiro contato com a droga torna a pessoa um dependente, porém essa dependência pode ser revertida com a ajuda de pessoas capazes, como a família, clínicas de recuperação e amigos. A curiosidade, a fantasia e a proibição fazem com que possam sentir vontade de experimentar uma determinada sensação ou uma determinada droga.

Esta percepção, produto do senso comum destes adolescentes encontra aporte em Lourenço²⁰ que, ao discutir as razões que levam ao uso de drogas, parte da afirmação que as primeiras experiências com a droga podem acontecer em qualquer período da vida das pessoas. Pode ser que uma situação que levou a pessoa a provar a droga, mas não vai além de uma experiência, pois não desenvolve um vínculo com a droga.

Outras o fazem quando se verifica que o ambiente é propício à oferta da droga, mas sem que se tenha uma busca ativa ou que os elementos de equilíbrio de sua vida social (escolaridade, relação familiar, social, afetiva, ativi-

dades esportivas, sexuais) sofram alterações. Para outros se estabelece o uso continuado e com a manifestação dos efeitos negativos deste uso, com quadro de abuso. Quando na ausência do produto, todos os seus esforços são para obtê-lo e manter um vínculo primitivo com a droga, com o objetivo de buscar o conforto psicológico e o prazer, não importa como, quando se tem instalada a dependência.

Ao explorar as drogas ilícitas, os alunos demonstraram algum conhecimento, principalmente da maconha, quanto aos seus efeitos e sobre ser uma droga proibida para consumo no Brasil. Afirmam que é usada em outros países com a justificativa de motivos religiosos, como remédio e ou matéria prima para confecção de roupas, como citou uma aluna.

Na discussão sobre a legalidade das drogas ilícitas e o possível apaziguamento que essa atitude poderia trazer para o consumo de tal substância o pensamento expresso foi em direção a posição de que a legalização talvez não seja um meio tão eficaz de se reduzir o uso da maconha: “Eu acho que aqui no Brasil não tem dessa também não. Acho que se libera, aí que o povo vai usar mais.”

Na opinião deles a legalização pode tornar o uso da maconha mais cotidiano e rotineiro, a exemplo do tabaco. Compartilham do pensamento que o consumo de drogas é uma problemática que envolve todos os setores da sociedade, mas o que se vê, é que a sociedade não está ainda preparada para lidar com esse assunto, a não ser de forma repressora ou moralista.

Este pensamento encontra ressonân-

cia em um dos equipamentos sociais, formadores de opinião no ambiente escolar, o Programa Educacional de resistência as Drogas e a Violência - PROERD. Para Moreira et al.¹² o trabalho desenvolvido no Brasil segue uma abordagem tradicional do enfretamento de consumo das drogas, com a mesma metodologia utilizada nos Estados Unidos (Drug Abuse Resistance Education – DARE). Por isso, tem recebido algumas críticas por não se adaptar à realidade local, e, assim como nos Estados Unidos, esse programa é aplicado por policiais, o que pode gerar certo teor repreensivo.

Na sua proposta, o PROERD adentra a sala e oferta um determinado número de aulas com o objetivo de treinar os alunos para resistir às pressões de envolvimento com drogas, exercidas por grupos de pares, pela mídia e até pelos pais, e tem sido avaliado pela Polícia Militar como uma oportunidade de aproximar a polícia das crianças e jovens, desmistificando as representações sociais de truculência e violência atreladas pelo senso comum a essa profissão. Apesar de estar implantado em todo o Brasil, o PROERD ainda não apresenta dados consistentes da diminuição do uso de drogas de forma efetiva e significativa¹².

A imprensa é outro equipamento formador de opinião que também vai ao encontro das opiniões explicitadas pelos adolescentes. Estudo sobre o retrato das drogas sob a ótica da imprensa, as mais freqüentes encontradas nas manchetes foram: tabaco (18,1%), derivados da coca (9,2%), maconha (9,2%) e álcool (8,6%), com menor destaque para anfetaminas (3,2%), ansiolíticos (0,8%) e solventes (0,2%). Chama a atenção o lugar ocupado pelo álcool, já que é o mais consumido pela população bra-

sileira e o responsável pelos maiores índices de problemas decorrentes do uso²¹.

A exposição que a mídia faz em relação ao consumo de drogas, ora veiculando o consumo do uso de drogas ilícitas, do álcool e do tabaco, associado principalmente às situações prazerosas de felicidade e de aceitação social, veiculando imagens de pessoas bem sucedidas e em situações desejadas, ora aos dados epidemiológicos das drogas associados à saúde, ora associados aos problemas sociais como a violência, acidentes de trânsito e ao comércio/tráfico das drogas reflete na dicotomia das opiniões apresentadas, do uso atribuído ao desejo de ser adulto a consciência ao risco que este uso traz.

Gorgulho²², conclui em seu estudo que o papel de conscientização quanto aos danos que o uso do álcool traz não é evidenciado e não contribui para a informação com ênfase na redução de danos, fazendo com que as pessoas “não acreditem que o álcool é uma droga de potencial relevante”.

Por outro lado, Schenker & Minayo⁵, fazem uma crítica quanto à absolutização do papel da mídia como fator de risco, em detrimento da capacidade crítica dos jovens, principalmente quando aliada aos fatores protetores, como o desenvolvimento de um espírito crítico e reflexivo na família, na escola e com os pares. Estes atributos são colocados como base para uma atitude criteriosa do adolescente quanto às mensagens relativas às drogas lícitas, veiculadas pelos meios de comunicação.

Para que haja esta base de aporte a pilares sólidos há de se considerar que a relação

da mídia e a sua influência no consumo das drogas requer que ela também se comprometa socialmente, ajudando na redução de danos por meio da discussão e de informações sobre a complexidade, envolvendo essa temática e os problemas do uso e abuso das drogas. Para Gorgulho²², uma sociedade melhor informada deveria ser capaz de criar um ambiente mais propício a soluções efetivas, de contribuir para uma visão mais ampla dos danos relacionados ao uso de álcool; estimularia discussões que levem a estratégias e resultados mais satisfatórios; estaria ciente dos danos causados pelo uso de drogas legais, além da mera dependência; permitiria que os responsáveis por políticas públicas desenvolvessem soluções menos idealizadas, e seria capaz de forçar as autoridades a oferecer melhores soluções para os problemas relacionados ao uso e abuso de álcool.

A escola também compõe a base da formação de opinião e com tal responsabilidade precisa valorizar no seu trabalho o incentivo do protagonismo juvenil, de forma a dar um suporte maior aos alunos sobre a percepção que eles têm sobre o uso de álcool e violência, e assim “promover os jovens como sujeitos das intervenções, capazes de participar ativamente na definição das prioridades, na implementação de ações e na avaliação dos resultados”²³.

Nesta direção estratégias que considerem o protagonismo do adolescente devem compor as pautas das ações de prevenção e de promoção à saúde, os enfoques relacionados ao uso de drogas, bebidas alcoólicas e violência devem ser conteúdos a ser trabalhados e discutidos com os alunos de forma que eles próprios possam ser agentes de seu pensamen-

to sobre assuntos tão complexos. A escola e a família são os meios primários de formação de opiniões, que deveriam trabalhar em conjunto para a conscientização e para a promoção da saúde²³.

Esta responsabilidade não cabe apenas a família e a escola, Franch²³ chama a atenção da responsabilidade do Estado na composição e fortalecimento de uma rede de suporte social na implementação de medidas de proteção social para esse segmento, na oferta e no acesso a um bom serviço de saúde, ensino de qualidade, formação cidadã e oportunidade de contato com bens culturais diversificados, como aumento das possibilidades de crescimento e no enriquecimento da experiência vital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu verificar que os adolescentes têm algum conhecimento dos fatores de risco sobre o consumo de drogas tanto para quem faz uso quanto para o meio social. Percebeu-se nos relatos que eles se encontram vulneráveis aos fatores de riscos para o uso de drogas, dada a exposição precoce à elas e o padrão de comportamento e comunicação intrafamiliar, principalmente, quando este não atua como um sistema de proteção, e, ainda, pela possível influência de grupos de amigos.

A abordagem do tema promoveu o debate de forma crítica no espaço das oficinas com um diálogo aberto e não repressor ou moralista, estimulou a fala livre, a expressão de opiniões individuais e trocas entre os integrantes do grupo.

Evidenciou também a importância da escola em envolver a família, bem como outros equipamentos sociais na formação de uma rede de proteção ao consumo de drogas, para minimizar os seus danos à sociedade e ao indivíduo, bem como propiciar meios para que os adolescentes possam ter um posicionamento mais crítico e autônomo com relação às drogas.

A informação, a prevenção, o protagonismo juvenil devem ser trabalhados de forma concreta na educação dentro de uma escola promotora de saúde, entendida como espaço propiciador de rotas de hábitos saudáveis e qualidade de vida. Neste sentido o contexto psicossocial como espaço de intervenção e o diálogo devem ser priorizados num trabalho conjunto entre escola e família para que, assim, a relação sujeito-droga-consumo seja minimizada ou mesmo evitada efetivamente.

REFERÊNCIAS

1. Booth M. Opium: a history. New York: St Martin's Griffin; 1998.
2. Bucher R, organizador. As drogas e a vida: uma abordagem bio-psicossocial. São Paulo: EPU; 1988.
3. Ministério da Saúde (Brasil). Política Nacional sobre Drogas. Brasília: Presidência da República, Secretaria Nacional Antidrogas; 2005.
4. Salles LMF. As drogas e o aluno adolescente. In: Aquino J, organizador. Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus; 1998. p. 123-42.
- 5 - Schenker M, Minayo MCS. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. Ciênc Saúde Coletiva. 2005 Sep;10(3):707-17.
6. Galduróz JCF, et al. V levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do en-

- sino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras 2004. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina, Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, Secretaria Nacional Antidrogas; 2004. p. 398.
7. Galduróz JCF, Caetano R. Epidemiologia do uso de álcool no Brasil. *Rev Bras Psiquiatr.* 2004;26 (Suppl 1):3-6.
8. Carlini-Cotrim B, Rosemberg F. Os livros didáticos e o ensino para a saúde: o caso das drogas psicotrópicas. *Rev Saúde Pública.* 1991 Aug;25(4):299-305.
9. Büchele F, et al. A promoção da saúde enquanto estratégia de prevenção ao uso das drogas. *Ciênc Saúde Coletiva.* 2009;14(1):267-73.
10. OPAS. Escuelas promotoras de la salud: entornos saludables y mejor salud para las generaciones futuras. Washington; 1998.
11. Harada J, et al. Cadernos de escolas promotoras de saúde I. Departamento científico de saúde escolar [citado 2008 Ago 6]. Disponível em: www.sbp.com.br/img/cadernosbpfinal.pdf.
12. Moreira FG, Silveira DX, Andreoli SB. Redução de danos do uso indevido de drogas no contexto da escola promotora de saúde. *Ciênc Saúde Coletiva.* 2006 Jul-Set;11(3):807-16.
13. Minayo MCS. O desafio do conhecimento e pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; 1998.
14. Thiollent M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez; 1986.
15. Freinet E. O itinerário de Celéstin Freinet: a expressão livre na pedagogia Freinet. Lisboa: Livros Horizonte; 1983.
16. Costa A, Gonçalves E. A sociedade, a escola e a família diante das drogas. In: *As drogas e a vida (uma abordagem biopsicossocial)*. São Paulo: EPU; 1988. p. 47-54.
17. Nery Filho A, Torres IMAP, organizadores, et al. *A família, os adolescentes, os meninos de rua e as drogas*. In: Nery Filho A. *Drogas: isso lhe interessa? confira aqui*. Salvador: CETAD, UFBA, CPTT, PWV; 2002. p. 28-34.
18. Reghelin EM. Redução de danos: prevenção ou estímulo ao uso indevido de drogas injetáveis. São Paulo: *Revista dos Tribunais*; 2002.
19. Sudbrack MFO, Dalbosco C. Escola como contexto de proteção: refletindo sobre o papel do educador na prevenção do uso indevido de drogas [internet]. In: *Proceedings of the 1th Simpósio Internacional do Adolescente*, 2005. São Paulo; 2005 [citado 2010 Jan 5]. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000200082&lng=en&nrm=iso
20. Lourenço RA. Aspectos psicológicos da dependência química. In: Serrat SM, organizador. *Drogas e álcool, prevenção e tratamento*. Campinas: Komedi; 2006. p. 136-47.
21. Noto AR, Baptista MC, Faria ST, Nappo SA, Galduróz JCF, Carlini EA. Drogas e saúde na imprensa brasileira: uma análise de artigos publicados em jornais e revistas. *Cad Saúde Pública.* 2003 Fev;19(1):69-79.
22. Gorgulho M. O papel da mídia na promoção do uso responsável de álcool. In: *Álcool e redução de danos: uma abordagem inovadora para países em transição*. 1. ed. em português, ampl. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas; 2004. p. 103-10.
23. Franch M. Um brinde à vida: reflexões sobre violência, juventude e redução de danos no Brasil. In: *Álcool e redução de danos: uma abordagem inovadora para países em transição*. 1. ed. em português, ampl. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas; 2004. p. 49-67.